

O ENSINO DA PERCUSSÃO NAS BANDAS E FANFARRAS ESCOLARES

WAGNER JÚNIOR, Otomar Pedro¹
TEMARY, Fabiane Kroker²

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de observar quais são os problemas referentes ao ensino de instrumentos de percussão nas bandas e fanfarras escolares. Para isso, foi levado em conta as dificuldades em que os profissionais coordenadores desse tipo de grupo encaram no cotidiano, a falta de investimento e a falta de conhecimento acerca da percussão. O desenvolvimento foi pautado em aspectos técnicos, apontando a maneira correta de tocar os instrumentos de percussão, bem como sua sonoridade, levando em conta as características da caixa clara, tímpanos e os teclados da percussão, instrumentos esses mais importantes na opinião do autor, e conseqüentemente, os que mais geram dúvidas. Com isso, os objetivos deste artigo são solucionar os problemas pedagógicos que as bandas e fanfarras enfrentam, apontando o caminho para uma prática individual e coletiva de maior qualidade. A metodologia utilizada é, além da abordagem sobre a técnica percussiva, o levantamento de métodos e livros de renome internacional, que contém os principais mecanismos para uma melhor prática instrumental. Os resultados alcançados devem ajudar profissionais da área de educação musical que não são percussionistas a alcançar uma melhor qualidade em seu trabalho.

Palavras-chave: Bandas e fanfarras. Educação musical. Técnica instrumental. Música. Percussão.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo abordou a temática do ensino de instrumentos de percussão dentro das bandas e fanfarras escolares. As bandas e fanfarras estão presentes na cultura brasileira há muito tempo, e fazem parte das celebrações cívicas e contribuem para o enriquecimento cognitivo, social e pedagógico do fazer educacional. O objetivo desse artigo é abordar e discutir as principais dificuldades e problemas para o ensino de instrumentos de percussão nesses grupos musicais, pois são grupos com bastante variedade de instrumentos e muitas vezes apenas um profissional é designado para coordenar todo o trabalho musical. Além disso, o presente trabalho propõe

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Música. RU: 2593572

² Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

mecanismos para a resolução dessas dificuldades, trazendo um olhar técnico e fazendo o levantamento de quais matérias podem ser usados para ensinar a percussão nos grupos escolares.

A percussão está presente em todos os ambientes e em cada segundo de nossas vidas e no contexto escolar não é diferente. As bandas e fanfarras dominam o país e hoje muitas vezes são a porta de entrada dos músicos para o universo profissional das orquestras e música instrumental. Vemos grandes problemas em relação ao ensino desse instrumento nas bandas e fanfarras, indo desde o problema estrutural, financeiro, até a falta de conhecimento dos maestros. Precisamos ter em mente que a percussão é um mundo completamente diferente dos outros naipes que compõem uma banda de música, e precisa ser trabalhado com a mesma seriedade, não sendo colocado em segundo plano como simples instrumento de acompanhamento.

Esse projeto busca responder algumas dúvidas e traçar um plano de ação para o ensino percussivo dentro do universo das bandas e fanfarras, quebrar os paradigmas de instrumento inferior e oferecer alternativas para que os alunos possam estudar com qualidade, podendo expandir até mesmo o mercado de trabalho para o futuro.

A fundamentação teórica também será de grande importância, pois seleciona artigos que conversam com o tema proposto, contribuindo para a interdisciplinaridade e pegando um gancho em produções acerca da escola, do ensino musical, da história da música e também para apresentar autores muitas vezes desconhecidos do mundo acadêmico.

A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica, a partir do levantamento de materiais didáticos que o profissional possa utilizar durante sua prática pedagógica, levando em consideração a escassez de livros e métodos de percussão acessíveis sobre o tema no ambiente em que a escola está inserida, apresentando aspectos técnicos sobre a caixa clara, os tímpanos e também os teclados da percussão. Esse artigo busca lançar luz e abrir uma discussão futura sobre o ensino da percussão nas escolas, incentivando outros pesquisadores para a continuação dos debates, para que num futuro próximo, o terreno da educação percussiva nas bandas e fanfarras escolares seja muito mais fértil.

2. TRABALHANDO COM OS INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO NAS BANDAS E FANFARRAS

A prática social na escola é fundamental para preparar o aluno para o convívio com as pessoas ao longo da vida. Campolina e Oliveira (2009) explicam que, o convívio social na escola molda os alunos e constroem o sentido de identidade, portanto a escola não é um território neutro. Dentro das muitas práticas sociais inseridas no contexto das escolas, que vão desde o recreio até as atividades extracurriculares, como projetos esportivos, teatro, dança, literatura, festas comunitárias, existe também o ensino da música.

Kiefer (1976) diz que a atividade musical no Brasil começou já na colonização, onde era organizada por entidades religiosas e senhores de terras, tocando nos famosos coretos. Esses grupos sofreram alterações ao longo dos anos e hoje vemos muitas bandas e fanfarras nas escolas. A própria ditadura foi fundamental para o implemento das bandas nas escolas, com a prerrogativa de civilidade. A cultura das bandas nas escolas surge então como um programa do governo federal, na década de 70, com investimento milionário para distribuir instrumentos musicais para todos estados da nação, dando início ao movimento das bandas e fanfarras escolares por todo país. Lorenzet e Tozzo (2009) comentam sobre a influência militar sobre as bandas e fanfarras:

O período militar brasileiro, ao incentivar esses eventos, causou uma falsa impressão no país que associa, comumente, as apresentações das bandas ou fanfarras à ditadura. Assim, os desfiles cívicos perderam parte da popularidade que tinham há algumas décadas. (LORENZET; TOZZO, 2009, p. 4896).

Dentro dessas bandas existe o naipe de Percussão, que são instrumentos percutidos com baquetas e com as mãos. a percussão sofre preconceito dentro do grupo, e muitas vezes é o próprio maestro que por falta de conhecimento coloca a percussão como instrumento inferior. Aqui também cabe ressaltar que a falta de profissionais não é exclusiva das bandas e fanfarras, mas também da música em geral dentro das escolas regulares. Penna (2002, p. 7) relata que essa ausência é mencionada nos encontros e debates sobre a educação musical nas escolas, e isso é notado quando muitas vezes um profissional com horas reduzidas é designado para cuidar de uma banda inteira.

Infelizmente, são poucas as produções textuais que falam sobre o ensino das bandas nas escolas. Talvez pelo fato de a própria academia não dar a devida importância, talvez por que existem mais pesquisadores em outras áreas do que nas áreas musicais, mas algumas produções são de grandes contribuições para o conhecimento acerca do tema. Soares (2018), em sua tese de doutorado relatou todo seu trabalho, desde a criação da Orquestra de Metais Lyra Tatuí, até toda a metodologia desenvolvida durante os anos que esteve junto com o projeto. O resultado foi magnífico, pois além do clichê da denominação “projeto social”, onde muitos alunos são simplesmente jogados dentro de uma sala, colocado um instrumento na mão e junto com um professor, aprende qualquer coisa sobre música, a Lyra Tatuí revelou instrumentistas que hoje figuram entre as cadeiras das melhores orquestras, ganhando a vida e sustentando famílias através da música.

É preciso que se defina as metodologias a serem executadas para que o ensino seja efetivo e se garanta a qualidade musical dessa prática. Ney Rosauo (2021) escreveu um método para caixa clara, um dos instrumentos mais utilizados na percussão para apresentar as principais técnicas do instrumento. Mitchell Peters (1996) também possui métodos de caixa, teclados e tímpanos com fundamentos para o ensino dos instrumentos.

Além disso, existem métodos que servem para toda gama de instrumentos das bandas, trabalhando aspectos teóricos, ditado, harmonia, percepção, como Pozzoli (1983) e seu método para divisão musical e o método Da Capo (BARBOSA, 1998) de Joel Barbosa, que trata do ensino coletivo e prática de conjunto para bandas. Aqui não cabe citar, pois esses livros estarão bem explicados no decorrer desse artigo.

Os PCN's (BRASIL, 1998, p.19) da área de artes enfatizam que a criança aprende arte fazendo arte, porém esse fazer arte não pode ser algo desorganizado e apenas por fazer. A percussão precisa ser trabalhada de forma séria e com responsabilidade e toda essa bibliografia escrita por músicos de renome mundial precisam trabalhar a favor do ensino e do fazer percussivo. A prática de bandas no ambiente social escolar prepara o aluno não apenas para a técnica, mas também para o mercado de trabalho, contribuindo para a imersão na sociedade. Com o ensino da música, o aluno desenvolve outras habilidades, muito pela convivência com outras pessoas, visto que nem todos os integrantes de uma banda querem seguir carreira dentro da música, mas por manter relações sociais com pessoas que sonham em seguir várias áreas no campo do trabalho, e que ali, naquele momento, estão focados

em fazer música. Além disso, o fazer artístico desperta o interesse e age no cognitivo do aluno para melhorar o desempenho nas outras áreas do conhecimento. Hummes (2004) reforça essa afirmação:

Os professores acreditam que as habilidades artísticas podem contribuir para a aquisição de outros conhecimentos em outras áreas. Pensam que um aluno que desenvolve essas habilidades artísticas pode ter mais sucesso. (HUMMES, 2004, p.23).

O então presidente Lula sancionou em 2008 a Lei Nº 11.769, que trata da obrigatoriedade do ensino musical nas escolas regulares. Essa lei foi vista como uma grande conquista por parte dos professores de música, mas ainda existe uma grande estrada para percorrer (BRASIL, 2008).

Porém, o fato de existir uma lei que obrigue o ensino de música nas escolas já torna uma justificativa para o ensino e a importância de manter as bandas e fanfarras como uma proposta pedagógica permanente dentro da escola, e espera-se que cada vez mais esse assunto entre em pauta de grandes produções textuais no meio acadêmico brasileiro.

3. ASPECTOS TÉCNICOS E PEDAGÓGICOS DA CAIXA CLARA

A caixa clara é o principal instrumento de percussão presente nas bandas e fanfarras. Esse instrumento vem desde tempos antigos e há relatos que seu surgimento vem de antes do nascimento de Jesus Cristo. Geralmente utilizado com finalidades militares, para fazer as cadências conduzindo as marchas dos soldados, o instrumento sofreu diversas alterações, fazendo parte da bateria e também adentrando no território das orquestras no período romântico. Rosauero (2021) comenta que:

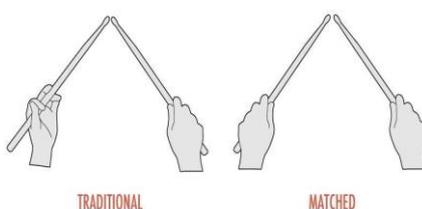
Na metade do século XIX a caixa clara que era essencialmente um instrumento militar, começou a aparecer frequentemente nas orquestras. Seu diâmetro foi reduzido, o corpo passou a ser de metal e foi inventado um dispositivo extra para controlar a tensão da esteira". (ROSAURO, 2021, p. 22).

Nas bandas e fanfarras, sua introdução se dá antes de outros instrumentos, lógico, aqui excluindo etapas anteriores do processo educativo, como musicalização e demais projetos que a criança possa ter passado. A justificativa para se iniciar com

esse instrumento é pelo aspecto técnico, pois é ele quem trabalhará toda parte técnica, empunhadura de baquetas, condicionamento muscular, memória muscular, enfim, aspectos de coordenação motora que irão respaldar os estudos de todo e qualquer instrumento de percussão posterior presente em uma banda escolar.

Começando pela técnica correta de segurar a baqueta, o profissional precisa ter em mente que em determinados países, em determinadas épocas, para diferentes finalidades, os percussionistas utilizam determinadas maneiras de segurar as baquetas. Excluindo essas particularidades, basicamente sobram dois tipos de empunhaduras, o *matched grip* e o *traditional grip*. Essas empunhaduras podem ser vistas na figura abaixo:

Figura 1 – Empunhaduras



Fonte: Drums and Languages (2015)

As baquetas desempenham papéis cruciais na produção do som, pois o tamanho, formato, comprimento e também o material de fabricação alteram o som conforme a necessidade do instrumentista e conseqüentemente da obra a ser executada. As baquetas, historicamente, seguem certas numerações. Segundo Lopes (2020), as numerações deram início em 1900, porém hoje não se utilizam mais e elas seguiam um padrão como 2A, 2B, 5A, 5B. Os números indicavam a espessura da baqueta, quanto maior o número, mais fina a baqueta, e as letras indicavam a finalidade, como banda, dança, grupos de rua, e até hoje essas numerações são encontradas, mesmo não seguindo mais esse padrão. Para o estudo da caixa clara em bandas e fanfarras, a sugestão é que se adquira um padrão 5A, mas se possível, o ideal é que o aluno possa testar a baqueta ao comprar, pois umas são mais curtas, mais longas, com pontas diferentes, e como citado anteriormente, isso influencia diretamente no resultado final.

Agora pensando na sonoridade da caixa, é importante pensar no lugar do toque das baquetas. Cada região do instrumento emite um som diferente, podendo ser no centro, com um som extremamente seco, e conforme o instrumentista vai aproximando a baqueta das bordas, o som vai perdendo intensidade, soando mais agudo e com mais harmônico.

4. OS MÉTODOS DE CAIXA CLARA

No Método Completo para Caixa Clara (ROSAURO, 1996), são apresentados exercícios iniciais para o estudo da caixa. O autor salienta sobre a importância de uma prática regular do estudo da técnica, começando com exercícios de toque simples, ou seja, tocando uma mão de cada vez:

Certifique-se que cada nota seja executada apenas com o movimento dos pulsos. Os braços deverão permanecer totalmente parados e os dedos devem ficar neutros em contato com as baquetas. A realização do “toque simples paralelo” deve reproduzir um único som, sendo necessário a precisão em manusear as baquetas sem defasagem de altura. (ROSAURO, 1996, p, 9).

O que o autor quer dizer é que as notas devem produzir um único som em termos de altura de som. O que mais se percebe nas linhas de caixas das fanfarras são alunos tocando com a direita mais forte que a esquerda, produzindo timbre diferente entre as mãos, e isso se corrige com a prática da escuta sonora, ou seja, o aluno deve perceber que tipo de som está produzindo e se esse som está uniforme. Em *Mitchell Peters – Developing Dexterity for Snare Drum* (PETERS, 1996, p. 2-4), o autor escreve uma série de exercícios técnicos para desenvolver a técnica de caixa. O interessante é o aluno sempre estudar com o auxílio de um metrônomo, começando na velocidade de 60 *bpm*, podendo aumentar a velocidade conforme o grau de desenvolvimento do percussionista.

Conforme a progressão dos estudos vão se sucedendo, o professor pode incluir outros livros na prática de estudos. Um dos livros mais famosos, considerado um dos mais completos e amplamente utilizado tanto por bateristas como para percussionistas em geral, é o *George Lawrence Stone – Stick Control: for the Snare Drummer* (STONE, 1963). No livro, o autor traz uma série de estudos de rudimentos, combinando manipulações possíveis com foco no desenvolvimento da coordenação

motora. As páginas trabalham os principais tipos de rudimentos como toques simples, toques duplos, *paradiddles*, *flams*, e com o estudo desses rudimentos os alunos adquirem um alto grau de performance musical. Ainda falando sobre rudimentos, a *Percussion Art Society* publicou o *The 40 Percussive Arts Society International Drum Rudiments* (PAS, 1984) onde traz os 40 rudimentos mais importantes, onde o percussionista pode estudar cada um deles separados e entender sua aplicação na prática.

A prática dos rudimentos é o mais importante fundamento da percussão, pois com ele o percussionista desenvolve a técnica para resolver todo tipo de situações possíveis que possam aparecer durante uma performance musical. Assim como um pianista estuda arpejos, acordes, harmonia, escalas, agilidade, o percussionista precisa estudar os rudimentos, pois basicamente toda música presente nos arranjos musicais, principalmente nas bandas e fanfarras, são escritas a partir dos rudimentos. Com o estudo da caixa clara, o músico irá desenvolver a técnica e poderá aplicar nos instrumentos que serão abordados posteriormente nesse artigo.

Para a prática de peças e leitura musical, indica-se aqui o *Vic Firth – Snare Drum Method – Book 1 – Elementary* (FIRTH, 1967). O livro trabalha leitura rítmica através de peças curtas para caixa, inicialmente com semínimas, após introduzindo as colcheias, depois semicolcheias até chegar na aplicação de *flams*, rulos, *drags*, grupetos de colcheias e semicolcheias, e sempre que um novo conceito é introduzido, o livro trabalha exercícios separados para que o aluno possa praticar antes de aplicar nas peças. O livro também contém uma sequência, o *Vic Firth – Snare Drum Method – book 2 – Intermediate* (FIRTH, 1968), onde seguem as peças em compassos compostos, aumentando o grau de dificuldade, introduzindo quiálteras e por fim peças para se tocar em duas caixas.

5. O ENSINO DO TÍMPANO

Os tímpanos são instrumentos introduzidos nas bandas e fanfarras através das orquestras, porém, sua origem remonta desde a antiguidade. São instrumentos muitas vezes sem a presença garantida nas bandas pelo fato da acessibilidade dos preços. São instrumentos extremamente caros e no Brasil, pelo fato da desvalorização da moeda isso se torna um fator problemático. Por seu diâmetro muito grande, o problema da acessibilidade, mobilidade, também se tornam fatores negativos para o

instrumento, sendo utilizados geralmente em concertos e apresentações em locais fechados como teatros e salões. Peters (1996) aponta para o surgimento do tímpano:

Tímpanos, ou *kettledrums*, existem, de uma forma ou de outra, há séculos. Seus primeiros usos foram em celebrações e rituais, e depois foram usados nas forças armadas. A origem do tímpano remonta pelo menos aos antigos hebraicos, se não antes. (PETERS, 1996, p. 6).

Nas bandas e fanfarras, o uso deles geralmente se dá por pares, com medidas de 26' e 29' polegadas, porém, em bandas mais abastadas, podem ser utilizados em trios, quartetos ou quintetos. Nesse caso as medidas com as polegadas 32', 29', 26', 23' e 20'.

Em se tratando de técnica, o tímpano segue os mesmos fundamentos da caixa clara, porém com algumas diferenças. Por motivos do seu tamanho exagerado, o tímpano utiliza as bordas para se tocar, diferente da caixa que se toca mais perto do centro, e com isso, o som produzido é mais prolongado. As baquetas também mudam, pois na ponta existem duas bolas revestidas de feltro, para acentuar o harmônico em vez do golpe das baquetas.

Sobre o movimento dos golpes do tímpano, a diferença para a caixa clara é que se utiliza o braço com mais frequência. Geralmente o tímpano não utiliza muitas notas rápidas, salvo as peças solos e alguns trechos orquestrais, portanto a maior dificuldade é na maneira de tirar som. Como o tímpano produz notas prolongadas e cheias, o instrumentista precisa se atentar para a articulação, ora produzindo notas longas, ora produzindo notas curtas, em *staccato*, *martellato*, *legato*, e essa produção sonora demanda um amplo conhecimento e prática da escuta por parte do músico. Para movimentos longos e expressivos, aconselha-se que o instrumentista utilize o movimento do braço, trazendo a baqueta próximo do peito. Para movimentos curtos, aconselha-se que o instrumentista faça mais pressão com os dedos na baqueta e utilize movimentos mais curtos e rápidos, não afastando tanto as baquetas do instrumento.

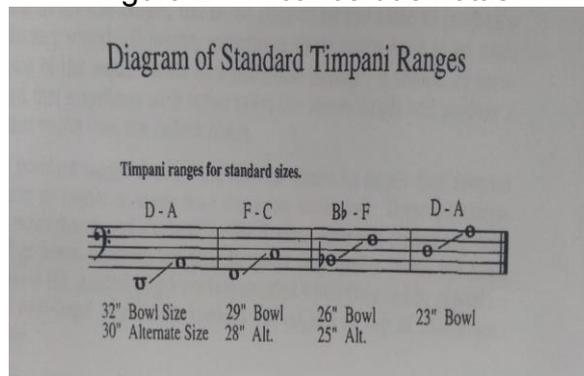
Paralelamente, as baquetas também podem exercer papel importante na sonoridade do instrumento. Baquetas com a cabeça mais macia produzem sons mais aveludados e com menos articulação, baquetas com a cabeça mais dura produzem um som mais articulado e seco, e o instrumentista pode utilizar várias baquetas

quando executa uma mesma peça, levando em consideração o gosto sonoro e o que o compositor pede.

5.1 AFINAÇÃO E NOTAÇÃO

A notação do tímpano, segundo Peters (1996, p. 12), é escrita na clave de fá, a mesma usada pelo contrabaixo, tuba e trombone, por seu som ser grave. O autor diz que cada tambor executa, com qualidade, um intervalo de quinta justa, mas pode executar notas além destas, dependendo do ajuste e do modelo do instrumento. Abaixo um exemplo do alcance mais comum das notas

Figura 2 – Alcance das notas



Fonte: Peters (1996 p.12)

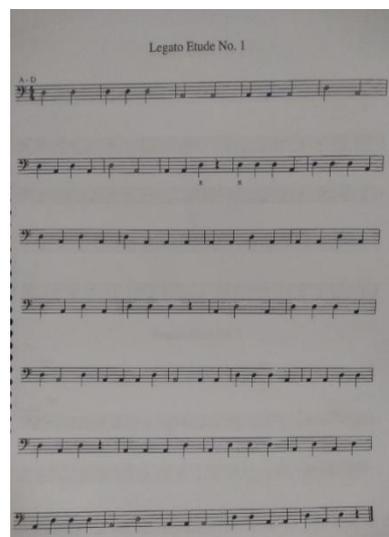
Para mudar uma nota no tímpano, utiliza-se um mecanismo composto por um pedal, que é ligado ao aro pelas hastes, e quando o músico pressiona para frente as hastes pressionam o aro contra a pele, esticando-a e conseqüentemente produzindo notas mais agudas, e quando o instrumentista pressiona o pedal para trás, o aro diminui a tensão, soltando a pele e produzindo notas mais graves. Goodman (1988, p.17, tradução nossa), usar tímpanos com pedal aumenta a precisão, pois cria uma tensão imediata na pele, isso possibilita o músico de fazer variações de notas rápidas, e também corrigir afinação de forma mais precisa.

5.2 OS MÉTODOS DE TÍMPANO

Serão abordados nesse artigo dois métodos de tímpanos que são essenciais para o estudo do instrumento. O livro *Fundamental Method for Timpani* (PETERS, 1996), traz uma série de estudos de tímpanos, com impressionantes 200 páginas,

trabalhando fundamentos como *legato strokes*, *staccato strokes*, acentos, rulos, abafamentos e também pequenas peças para trabalhar a leitura. O professor pode trabalhar com os alunos todos esses fundamentos por etapas. O livro contém exercícios gradativos, utilizando mínimas, semínimas, evoluindo para colcheias, semicolcheias, e trabalha muito a escuta do aluno. É interessante que, nesse caso, se dispense o uso do metrônomo para os exercícios, para que o aluno se atente para os movimentos dos braços e para a produção do som. Aqui um exemplo:

Figura 3 – Exemplo de partitura



Fonte: Peters (1996, p. 34)

Percebe-se que a partitura está em clave de fá, com a indicação em cifras das notas a serem tocadas no canto superior esquerdo, além da escrita tradicional. O livro segue abordando toda técnica do instrumento e traz ao final vários estudos rápidos aplicando a técnica para dois, três e quatro tímpanos. Talvez esse livro ainda seja o que tem de melhor para o estudo de tímpano, por abranger todas as etapas possíveis, com explicações, em inglês infelizmente, da forma que se deve tocar, detalhando os exercícios de maneira clara e objetiva, e ideal para quem está iniciando os estudos no instrumento.

Outro livro interessante de trabalhar o tímpano é o *Modern Method for Tympani* (GOODMAN, 1988). Esse método já aborda questões mais complexas do tímpano, com frases cheias de notas e o aluno precisa estar já em um estágio um pouco melhor de leitura e técnica. É dividido em quatro sessões, sendo a primeira trabalhando com dois tímpanos, assim se sucedendo até a quarta sessão, onde o escritor traz partituras

de obras sinfônicas onde o tímpano é amplamente abordado. As obras passam pelo período barroco, clássico, romântico e contemporâneo e é muito interessante pois instiga o aluno a ouvir o repertório de tímpano ao longo dos séculos, ampliando assim o seu repertório musical como um todo.

O ideal é que o professor não utilize somente um livro, pois os livros sempre são a visão de quem escreveu, podendo conter informações que fazem parte da realidade do escritor em questão, e trabalhar paralelamente esses livros podem ser uma saída interessante.

6. OS TECLADOS DA PERCUSSÃO

Os teclados de percussão são vistos nas bandas e fanfarras desde muito cedo, com as fanfarras escolares utilizando a lira nos desfiles e tocadas em pé, apoiadas ao corpo utilizando somente uma baqueta. Segundo Sulpício (2011), a literatura brasileira chama esses instrumentos de barrafones: “Dentre estes tipos específicos de idiofones, temos a marimba, o xilofone, o *glockenspiel* e o vibrafone e, na literatura brasileira, encontramos o termo barrafones usado por alguns autores para se referirem a estes instrumentos” (SULPÍCIO, 2011, p. 25).

Esses instrumentos se assemelham ao piano, por possuírem a mesma disponibilidade das notas, com as notas naturais embaixo e os sustenidos e bemóis em cima. São compostos por teclas de lâminas de metal ou madeira e tocadas utilizando baquetas. Sua afinação é a mesma do piano, porém alguns instrumentos são transpositores, pois soam em oitavas diferentes do som real.

O *glockenspiel*, instrumento fabricado com teclas de metal em aço geralmente, é o instrumento mais utilizado nas bandas e fanfarras, pelo seu tamanho e principalmente o preço serem mais acessíveis. Interessante aqui ressaltar que com o avanço da indústria musical no Brasil, hoje existem instrumentos bons fabricados aqui, diferente de décadas atrás que era raro achar esses instrumentos presentes nas bandas escolares. O *Glock*, como é carinhosamente chamado, tem duas oitavas e meia geralmente, e as teclas são bem agudas.

O xilofone também é comumente visto nas bandas e fanfarras. No Brasil algumas pessoas confundem o xilofone com o *Glock*, inclusive em livros didáticos essa confusão é vista, porém, diferentemente do *Glock*, o xilofone é composto por teclas de madeira. Abaixo das teclas existem tubos cilíndricos de alumínio que agem

como ressoadores, ampliando a vibração harmônica das teclas. A marimba e o vibrafone também são presentes em algumas bandas e fanfarras, porém não tão comumente, pelo seu tamanho e principalmente seu preço, acabam por serem preteridos pelo xilofone e *glockenspiel*.

Sobre a técnica dos instrumentos de teclas, o desenvolvimento da coordenação motora já é trabalhado pela caixa. A técnica de segurar as baquetas dos teclados se assemelha ao *matched grip*, já demonstrado anteriormente nesse artigo, e os exercícios são os mesmos utilizados na caixa. É ideal que o aluno estude caixa sempre paralelamente aos demais instrumentos da percussão, pois a técnica da caixa dá o embasamento para todos os outros instrumentos, porém, com a realidade vivida pelas bandas nos dias de hoje, nada impede o aluno de já iniciar em outros instrumentos. O musicista pode praticar toques simples subindo as notas da escala, toques paralelos usando intervalos de quintas justas, toques duplos, enfim, exercícios dos mais variados tipos, porém, algumas mudanças em relação a caixa precisam ser discutidas, como a utilização da técnica do rebote, ou seja, a volta que a baqueta faz quando é golpeada contra a pele da caixa, que não é utilizada nos teclados.

As baquetas de teclados, assim como as de tímpano, variam conforme a utilidade e o instrumento. Para o *Glock* e para o xilofone, se utilizam baquetas com ponta arredondada de *nylon*, silicone ou plástico, no *Glock* também é comum utilizar baquetas com ponta de ferro, porém, no xilofone a baqueta de ferro danifica seriamente o instrumento, por ser feito de madeira. Na marimba e no vibrafone, é comum utilizar baquetas com ponta no formato de cogumelo, revestidas com fio de lã, para extrair o som com menos atrito e mais harmônico.

6.1 OS MÉTODOS DE TECLADOS

Geralmente o estudo de teclados é pautado, além da técnica específica, no estudo das escalas, arpejos, intervalos, melodias e velocidade, da mesma forma que um pianista ou até mesmo um guitarrista precisa estudar essas mesmas coisas. Vários métodos trabalham esses fundamentos, e saber escolher os materiais que mais podem contribuir para seu trabalho é fundamental. A sugestão inicial é o livro Ney Rosauo – Exercícios e estudos iniciais para barrafones. O livro trabalha independência de mãos, toques paralelos, e contém 12 exercícios iniciantes para o estudo dos teclados. Segundo Ney Rosauo (1996):

O presente método visa complementar os estágios iniciais no estudo da percussão sinfônica e foi concebido para trabalhar paralelamente com o “Método Completo para Caixa Clara” do mesmo autor. É muito importante que o aluno trabalhe os dois métodos ao mesmo tempo, pois os degraus de dificuldade propostos são similares e desta forma irão reforçar o resultado final que é o equilíbrio sonoro e de movimento entre as mãos. (ROSAURO, 1996, p. 2).

Porém, nada impede de o aluno trabalhar separadamente os livros, pois trabalham conteúdos parecidos. *Mitchel Peters – Fundamental Method for Mallets* (1995) também trabalha diversos aspectos do estudo de teclados. O livro trabalha na mesma linha de estudos do seu método de tímpanos, já citado anteriormente neste artigo. Os exercícios iniciais são compostos pelo estudo das escalas, em tonalidades maiores e menores e exercícios oitavados, ou seja, com toques paralelos utilizando duas oitavas. O livro também trabalha a técnica de marimba para quatro baquetas, e também a técnica do vibrafone, que inclui estudos com o pedal de abafamento.

Um livro muito utilizado por quem toca em bandas e fanfarras é o *Morris Goldemberg – Modern School for Xylofone, Marimba and Vibraphone* (GOLDENBERG, 1950). Esse livro inicia com o estudo de rulos com notas longas, com o intuito de treinar os toques simples e a independência das baquetas. O livro talvez seja o mais completo sobre a abordagem dos teclados, pois trabalha escalas e arpejos em todas as tonalidades. O livro segue abordando estudos de *double stops*, que são duas notas tocadas ao mesmo tempo, em intervalos geralmente de terças, maiores e menores, quartas e quintas justas, estudos em oitavas e principalmente estudos já introdutórios sobre o campo harmônico, porém utilizando somente duas notas. Ao fim, o livro traz dezenas de peças com melodias aplicando todos os elementos da técnica trabalhadas no livro, também ajudando no desenvolvimento da leitura nos teclados.

7. A PRÁTICA DE CONJUNTO NAS BANDAS E FANFARRAS

A realidade ideal para trabalhar em uma banda escolar, que reúne instrumentos dos mais variados tipos, é ter um profissional para cada naipe da banda, ou seja, um professor para os metais, um professor para a percussão, e um professor para as madeiras, levando em conta que geralmente os grupos escolares são bandas de metais, bandas musicais e bandas somente de percussão. O problema aqui é que

essa realidade é utópica, pois a cultura, a diminuição da importância desses grupos e principalmente o que diz respeito ao investimento feito pelos órgãos responsáveis são fatores determinantes para a falta de profissionais em termos quantitativos. O que acontece é que geralmente é feita a contratação de um único profissional para estar à frente de uma banda inteira, e naturalmente esse profissional não estudou todos os instrumentos com a mesma qualidade. Fazendo uma comparação com o esporte, seria a mesma coisa que contratar uma pessoa que seja profissional em jogar futebol, vôlei, basquete, handebol e arremesso de discos. O profissional das bandas e fanfarras acaba ficando sobrecarregado e muitas vezes não dá conta de todos os instrumentos, dando maior importância para uns em detrimento de outros. Na percussão isso é visível, pois a percussão é uma banda a parte, com aspectos técnicos que nada se assemelham aos instrumentos de sopro. Para corrigir isso, o profissional precisa criar mecanismos para suprir essa necessidade.

Os livros relatados ao longo desse artigo são extremamente técnicos, abordando conteúdos específicos de cada instrumento, e muitas vezes o profissional não precisa trabalhar todo esse conteúdo com seus alunos, como uma metodologia pronta, quase como uma fórmula secreta para se aprender percussão. O profissional pode fazer o levantamento do que é mais importante para seu cotidiano, compilar em uma apostila, misturando conteúdos de todos os livros sugeridos, e trabalhar com seus alunos. Trabalhar esses livros paralelamente é a melhor saída para um estudo completo, pois muitas vezes os conteúdos presentes nos livros fazem parte do cotidiano de quem escreveu, reunindo fundamentos que o escritor julga importante, e percebendo a data de publicação desses livros, percebe-se que esses escritores foram pioneiros na organização da técnica instrumental. Tudo o que foi publicado posteriormente já utilizam esses livros como embasamento, afinal, não se pode reinventar a roda, portanto, o profissional também se torna um pesquisador, selecionando os conteúdos e reorganizando em materiais próprios.

Para trabalhar esses conteúdos em conjunto, principalmente quando ingressam alunos sem conhecimento musical e acabam se misturando com alunos avançados, a saída é trabalhar métodos coletivos. Soares (2018), comenta sobre o preconceito acerca de métodos coletivos:

Vale mencionar que, apesar de ainda sofrer desconfiança na sua eficácia por parte de professores que optam por uma iniciação baseada nos moldes de aulas tradicionais, individuais ou tutoriais, esse tipo de ensino vem

conquistando um grande número de adeptos. Cabe observar que essa conquista se dá pela grande quantidade de trabalhos e pesquisas que vêm comprovando a eficácia do ensino e aprendizado coletivo de instrumentos a partir da demonstração dos resultados positivos obtidos ao longo de décadas de prática nos mais variados gêneros de grupos (instrumentos de cordas, sopro, percussão, piano, violão, flauta doce) (SOARES, 2018, p.31).

Esses métodos coletivos podem ser produzidos pelo próprio profissional, como citado anteriormente, ou utilizar métodos já consagrados. O método *Essential Elements 2000 – The Comprehensive Band Method* (LAUTZENHEISER *et al.*, 1999), trabalha o ensino coletivo de bandas musicais, com exercícios iniciantes, trabalhando paralelamente os exercícios com todos os instrumentos, para que na hora da prática de conjunto a banda toda trabalhe ao mesmo tempo. O diferencial desse livro é que vem com áudio junto, portanto, o aluno pode estudar com acompanhamento de piano suas melodias. Outro método muito utilizado no Brasil é o Da Capo (BARBOSA, 1998), onde utiliza da mesma metodologia, que é o ensino coletivo de bandas de música. Nesses livros, além de exercícios técnicos, o aluno também toca melodias, e cada instrumento tem o seu livro contendo as mesmas músicas, claro, cada livro com os elementos de seu instrumento específico.

Para o estudo da percussão, trabalhar leitura pode ser feito através do método *Pozzoli – Guia Teórico e Prático* (POZZOLI, 1983). Esse livro na verdade é focado em ditado rítmico e melódico, mas pode ser uma saída interessante para trabalhar a leitura em conjunto. O profissional pode juntar os alunos em grupo e pedir para que todos executem com palmas os exercícios, utilizando os pés para marcar o andamento, isso pode ser realizado também com os instrumentos. Para trabalhar noção de intervalos, afinação, que serão utilizados nos tímpanos, o mesmo mecanismo pode funcionar muito bem, utilizando um piano e os alunos reproduzindo os intervalos solicitados pelo professor, dessa forma, através da escuta junto com os colegas, o estudo fica mais interessante, pois envolve a prática social e os alunos podem se ajudar nas dificuldades e comemorar as conquistas.

A percussão sempre foi muito presente quando o assunto é bandas e fanfarras, portanto, precisa ser valorizada. Todos esses métodos e livros pretendem contribuir para lançar luz aos diversos profissionais que sentem dificuldades em trabalhar com instrumentos percussivos. Muitos maestros são instrumentistas de sopro, e não propositalmente acabam deixando de lado e até criando preconceito com a percussão, julgando inferior por não entender da técnica e da complexidade do estudo, resumindo

apenas ao barulho. Com esses conceitos levantados ao longo do artigo, finaliza-se apenas uma abordagem superficial, mas que já responde alguns questionamentos e abre campo para explorar ainda mais essa área tão importante do estudo percussivo.

8. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado em cima da contextualização do ensino percussivo nas bandas e fanfarras. Foram abordados os principais livros, chamados de métodos de ensino, onde são apresentados os aspectos técnicos e teóricos para cada instrumento componente do naipe de percussão. Também foi pesquisado sobre as dificuldades que o gestor dos grupos musicais escolares enfrenta para ensinar todos os instrumentos, e como a ausência de um profissional específico para cada um desses instrumentos pode influenciar no desempenho final do grupo.

Os instrumentos abordados nessa pesquisa foram separados em dois tipos: os instrumentos de altura indefinida, aqui utilizado somente a caixa clara, por entender que é esse instrumento que proporciona toda a base técnica para qualquer outro instrumento de percussão, e também os instrumentos com altura definida, como os tímpanos, instrumentos que são disponibilizados em pares, trios ou quartetos, que utilizam a notação musical com diferenças de altura de notas e os teclados da percussão, os chamados barrafones, compostos pelo xilofone, marimba e *glockenspiel*, que se assimilam ao piano, porém percutido com o auxílio de baquetas.

Para o estudo da caixa clara, foram analisados diferentes tipos de métodos que auxiliam na formação da técnica, abordando os rudimentos, a divisão rítmica e como isso é aplicado no ensino do instrumento. Também foi abordado quais são as baquetas mais utilizadas, segundo a opinião do autor, para se utilizar em uma banda escolar, levando em conta a acessibilidade e as particularidades de cada grupo.

Para o estudo dos tímpanos, as abordagens seguem em cima da metodologia utilizada para o estudo do instrumento, levando em consideração a afinação, o som, pequena discussão sobre as escolas utilizadas, e a maneira de tirar o som desses instrumentos. Aqui é bom salientar que os aspectos físicos já estão garantidos com o estudo da caixa clara.

Os barrafones compõem uma classe de instrumentos musicais bem particulares, pois se assimilam ao piano, então foram abordados aspectos do ensino de duas baquetas, levantando os fundamentos mais importantes para o estudo desses

instrumentos, e citando o exemplo dos livros utilizados para o ensino dos teclados. Por fim, os aspectos relacionados com a prática de conjunto também foram analisados, tendo em vista que as bandas e fanfarras muitas vezes não dispõem de horários específicos para cada aluno, devendo o profissional criar ferramentas para o ensino coletivo dos instrumentos musicais.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a explosão do movimento de bandas e fanfarras nos anos 70, atingindo seu ápice no final dos anos 90 e início dos anos 2000, os instrumentos de percussão sempre foram tachados de inferiores nas bandas de música, somente marcadores de ritmo, acompanhando o sopro e com ausência de música. Junto com isso, a falta de profissionais gabaritados para ensinar percussão também exerceu um papel importante para esse estereótipo. A falta de investimentos em contratação de profissionais para as bandas e fanfarras também sempre foram um fator negativo, e por mais que o profissional tenha boa vontade e respeito com o naipe de percussão, ainda esbarra na falta de conhecimento, muitas vezes não sabendo nem por onde começar.

Realizar um trabalho que busque lançar luz para esses profissionais se mostrou um desafio prazeroso, pois são dezessete anos pesquisando e trabalhando com grupos escolares. Foi percebido que por mais que o conhecimento do tema ajudou na hora de selecionar os materiais, o caminho a percorrer dentro do assunto ainda é gigante. Com a pesquisa bibliográfica, notou-se que os conteúdos técnicos para o ensino da percussão já estão aí há pelo menos 50 anos, porém, o acesso nem sempre foi fácil.

No Brasil muito desses materiais chegaram já nos anos de 2010 ao conhecimento comum, antes, em mãos de um pequeno grupo que já praticava os estudos nas grandes orquestras. As publicações sobre a importância das bandas e fanfarras para a sociedade, para a comunidade escolar e também para o desenvolvimento do aluno como cidadão também se mostraram escassas. O que levanta a seguinte questão, será que um dia existirá uma ampla discussão no meio musical sobre o assunto? Esse trabalho buscou deixar essa discussão em aberto para que futuramente os professores de música possam dar continuidade nessas pesquisas e que a importância acerca do tema seja percebida por toda a comunidade.

Como metodologia, procurou-se apresentar soluções para o ensino da percussão através de uma abordagem sobre a técnica, sugerindo a maneira correta de segurar as baquetas, sobre a sonoridade do instrumento, afinação, no caso dos instrumentos com notas definidas, caso do tímpano e dos teclados, e principalmente, apontar os livros e métodos de autores renomados e respeitados no mundo todo, para que o professor possa ter um embasamento concreto sobre tudo o que aborda o universo percussivo. Em seguida, buscou-se apontar mecanismos para se trabalhar esses métodos fugindo da forma tradicional, que é ler o livro do começo ao fim, como se fosse uma fórmula secreta.

Esse artigo foi apenas um esboço, contendo as opiniões e que não podem ser tomadas como verdade absoluta, e pretende-se retomar e ampliar de maneira mais aprofundada seu conteúdo, pois apenas essas poucas páginas não arranham a ponta do *iceberg* que é o universo percussivo. Por fim, finaliza-se aqui dizendo que foi extremamente prazeroso produzir esse conteúdo, e que poder organizar os conteúdos dessa forma acabam por facilitar o próprio estudo dos instrumentos, causando surpresa sobre a quantidade de material levantado e a curiosidade de como isso poderá ajudar os percussionistas futuros. A música não pode parar, a percussão dita o ritmo da música e também do coração de quem a ouve, levando alegria por onde quer que passe.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joel Luís da Silva. **Da Capo: Método elementar para ensino coletivo ou individual de instrumentos de banda.** Belém: Fundação Carlos Gomes, 1998.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Arte.** Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Leis Ordinárias de 2008. Lei nº 11.769/2008. Altera a Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica.** Brasília, 2008.

CAMPOLINA, Luciana de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. **Cultura escolar e práticas sociais: episódios cotidianos da vida escolar e a transição para a adolescência.** Scielo, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022009000200010> Acesso em: 13 março 2021.

DRUMS AND LANGUAGES. **Traditional grip is a sensitive subject.** Disponível em: <https://renjaminbouse.wordpress.com/>. Acesso em: 13 março 2021.

FIRTH, V. **Snare Drum Method Book 1 Elementary.** New York: Carl Fischer 1967.

FIRTH, V. **Snare Drum Method Book 2 Intermediate.** New York: Carl Fischer 1968.

GOLDENBERG, Morris. **Modern School for Xylophone, Marimba and Vibraphone.** Chappell & Co, 1950.

GOODMAN, Saul. **Modern Method for Timpani.** Melville, NY: Belwin Mills Publishing Corp, 1988.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, set. 2004.

KIEFER, Bruno. **A história da música brasileira.** Editora Movimento. Rio Grande do Sul, 1976.

LAUTZENHEISER, Tim *et al.* **Essential Elements 2000 – The Comprehensive Band Method.** Hal Leonard Corporation: 1999.

LOPES, Rubens. Aula 3 - Sobre baquetas, anatomia e "grip" (segurar as baquetas). **Youtube**, 2020, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ob-tvf2N89w&list=PLuS08JCF8M_ySIR0u7JgBCULGuatdIH--&index=13> Acesso em: 12 maio 2021.

LORENZET, Simone; TOZZO, Astrit Maria Savaris. **BANDAS ESCOLARES.** In. IX Congresso nacional de educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicologia, **Anais...** PUCPR, 29,29 Out 2009. p. 4893 – 4904.

PAS. **The 40 Percussive Arts Society International Drum Rudiments**. Indianápolis: Percussive art society, 1984. Disponível em: <<https://www.pas.org/resources/rudiments>>. Acesso em: 23 maio 2021.

PENNA, Maura. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, set. 2002.

PETERS, Mitchell. **Developing dexterity for snare drum**. Los Angeles, 1996.

POZZOLI, Ettore. **Guia teórico e prático I e II**. Ricordi Brasileira S.A, 1983.

ROSAURO, Ney. **A história da percussão**. 2021. Disponível em: <<https://www.neyrosauro.com/works/historia-dos-instrumentos-de-percussao/>> Acesso em: 10 maio 2021.

ROSAURO, Ney. **Exercícios e Estudos Iniciais para Barrafonos**. Série Educacional. Brasil: Pró Percussão. 1996.

SOARES, Adalto. **Orquestra de Metais Lyra Tatuí**: a trajetória de uma prática musical de excelência e a incorporação de valores culturais e sociais. 252 fl. il. 2018. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

STONE, G. B. **Stick Control for Snare Drummer**. Boston: George B. Stone & Son, Inc. 1963.

SULPÍCIO, E. C. M. G. **O desenvolvimento da técnica de quatro baquetas para marimba: dos primórdios às primeiras composições brasileiras**. 292p. Tese apresentada ao Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2011.